

» RICARDO DAEHN

Brasília foi presenteada com o espírito do cinema, não do projeto industrial, mas da visão cultural dos filmes”, destacou, certa vez, ao **Correio**, o diretor Vladimir Carvalho, morto em 24 de outubro do ano passado. Tido como um “professor generoso” por um ex-aluno, o consagrado José Eduardo Belmonte, o diretor paraibano Vladimir Carvalho seguirá repassando, por meio de suas produções, os vastos conhecimentos sobre o fazer cinematográfico. Duas iniciativas, nesta semana, celebram o mestre, ambas com entrada franca: uma no CCBB e outra na sala de projeção da capital que leva o nome dele (no Cine Brasília).

“Vladimir abriu portas na cidade, batilhando com muito custo. O modo de produção dos filmes do Vladimir, que vem de um período com recursos difíceis, à época da película, o obrigava a usar bem mais a criatividade”, pontuou Marcio de Andrade, à época do lançamento do longa *Quando a coisa vira outra*, em 2022, na época em que conta de amarrar pontas da vida e obra de Vladimir, sob testemunho ativo do irmão dele, o cineasta e diretor de fotografia Walter, responsável por imagens de clássicos como *Central do Brasil* e *Carandiru*.

Uma década depois de celebrações conjuntas entre os irmãos (homenageados no 48º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro), Walter voltou ao Cine Brasília para o velório. À época, revelou: “Fiquei órfão — Vladimir era meu irmão mais velho e me aplicou a dependência desta substância chamada cinema, e com a qual sigo exercitando”.

Na próxima sexta-feira, Walter Carvalho, dentro da programação do 10º Festival Cinema e transcendência, às 18h, no CCBB, fará a master class *A estética do afeto na construção de uma obra*. Sob constante aprendizado, desde que Vladimir lhe apresentou o curta-metragem *O balão vermelho* (de Albert Lamorisse), Walter repassará conceitos fixados pelo irmão. Na sequência, o evento faz a exibição de *Homem de Areia*, filme de Vladimir, lançado em 1982, e que revê a Revolução de 1930. Pontualmente, na fita, o revolucionário José Américo de Almeida (escritor do clássico *A bagaceira*) contribui para elencar fatores que levaram à queda do Estado Novo de Getúlio Vargas.



Refaat Ohana/CB

O cinema celebra VLADIMIR CARVALHO

Entre as certezas de Vladimir, estavam a de que (como disse, quando da morte do amigo e parceiro artístico Eduardo Coutinho) “no documentário, você não

pode falsear”. Com esse ideal, a repórter Márcia Zarur captou a última entrevista de Valdimir Carvalho, transformada no curta-metragem *Vladimir Carvalho*,

cinema e memória. O filme, a ser visto na presença de Walter Carvalho, será mostrado, amanhã, às 19h, no Cine Brasília, com entrada franca. Mais um ponto para

a arte do eterno realizador de filmes como *O país de São Saruê*, *Barra 68*, *Conterrâneos velhos de guerra* e *Rock Brasília — Era de ouro*.

FESTIVAL INTERNACIONAL CINEMA E TRANSCENDÊNCIA
De hoje a 16 de novembro, no CCBB (SCES, Tr. 2, 3108-7600), com ingressos (de graça), mediante retirada no site <https://ccbb.com.br/brasilgia>

Divulgação



Trópico de Leão

Luane Lopes/Divulgação

Uma década de paz

Uma celebração e uma retomada impulsionada por inovações: é assim que a data de abertura do Festival Internacional Cinema e Transcendência pode ser vista, a partir de hoje, na programação do CCBB. Na edição de uma década, com acesso à programação gratuita, o espectador vê um festival consolidado, mesmo que a mais recente edição date de 2022. “Ouvíamos muito do nosso público: ‘Quando vai ser o festival?’. Com a pandemia, tivemos um público sazonal de mais de 60 mil pessoas acessando os nossos filmes, ao longo de duas edições. Houve sessões com mil pessoas, on-line, assistindo ao vivo”, conta uma das curadoras da mostra (ao lado de

André Luiz Oliveira), Carina Bini.

Com o evento, ela quer contribuir para inspirar espectadores. “Pretendemos impulsionar a fortaleza, dentro de cada espectador, para que ele seguir em frente, com maturidade, firme e forte nessa vida tão caótica contemporânea”, pontua Bini. O evento trará 13 longas e oito curtas-metragens, além de diversificadas atividades paralelas.

Descolada de padrões, a seleção de filmes navega no amplo espectro que ultrapassa a experiência da tradição. “O avanço no conteúdo se dá na própria forma (dos filmes) — quando você tem um filme que é completamente livre, irreverente, ousado, há ligação que agrega na palavrinha

transcendência”, comenta Carina. A exemplo do longa *Ecos do silêncio* (de autoria própria, e que integra o evento), o diretor e curador André Luiz Oliveira destaca o tipo de filme ajustado à proposta de Cinema e Transcendência: “Criei o festival para filmes que não costumam frequentar festivais, que priorizam conteúdos distópicos, identitários e modismos estéticos”.

Carina Bini ressalta que o apanhado de filmes alcança temas de espiritualidade, com acolhimento de enorme universo de linguagens. Liberdade na criação (do filme), capaz de gerar um processo de aprendizagem no próprio cineasta, irreverência e questionamento do fazer cinema entram como elementos de interesse no radar dos curadores. Noutro campo de conhecimentos e debates, o festival acopla shows musicais,

práticas de yoga e meditação, master class (uma delas com Walter Carvalho, diretor de fotografia e cineasta) e discussões em torno de autismo e temas variados. Tudo terá início hoje, com a exibição do filme *Eletromagnética — Os caminhos de uma aprendiz*, às 18h30.

Na comemoração dos 10 anos, o festival estende o alcance, on-line, acoplado às atrações do streaming IMA Play, plataforma atestada pela escola da baiana Halu Gamashe (presente em palestra, hoje, às 20h), terapeuta e escritora. “Há filmes (lá) sobre cultura, história, saúde mental, bem-estar, espiritualidade — não é algo de religião. Na parceria, abrimos uma janela, com obras que conseguimos licenciar das edições passadas, basta acessar e colocar no canal do Cinema e Transcendência”, conta Carina Bini.



Giocinda Caputo/Divulgação

Desde quando se dedica aos instrumentos indianos como sitar, bansuri e dilruba, e em que isso fortalece a sua visão como espectador de cinema?

Estudo sitar desde 1980; dilruba e

TRÊS PERGUNTAS / ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA, CURADOR, MÚSICO E CINEASTA

bansuri, a partir dos anos 2000. Como músico e ser humano, sim, existe uma influência enorme na forma de ouvir música, de compor e de viver. Como você colocou, não deixa de ser um fortalecimento.

A capacidade extrassensorial foi tema de alguma conversa com o ator e produtor Guilherme Reis (falecido em setembro, homenageado no festival)?

Para mim, a “capacidade extra sensorial” é apenas um tipo de sensibilidade que todos temos, em maior ou menor grau, e acessamos muito menos

do que deveríamos. Guilherme era um grande artista e figura humana muito criativa e, exatamente por isso, dialoga permanentemente com a transcendência que em última instância inclui as questões sociais, estéticas, políticas, filosóficas, espirituais — sem essa limitação de temas que separam as pessoas.

Qual a expressão primária que um não iniciado terá ao se deparar com universos de Fernando Pessoa e Luna Alkalay, com ideais presentes no festival?

Considerando que você esteja se

referindo ao universo da poesia — que une esses dois artistas — e que “um não iniciado” seja uma pessoa que desconhece as suas respectivas obras, acho que a expressão primária de cada um pode variar entre a “morte súbita”, como foi no meu caso ao primeiro contato com a poesia de Fernando Pessoa e, ou, o apaixonamento instantâneo pelas imagens do filme *Cristais de sangue*, de Luna Alkalay, quando o assisti pela primeira vez em 1974. Estar diante de uma obra de arte é sempre um risco necessário que se deve procurar experimentar.

DUAS PERGUNTAS

CARINA BINI, CURADORA E CINEASTA



De que forma você foi iniciada pelo binômio cinema e yoga?

Fui para Índia no fim da década de 1990, recém-formada, fazer pós-graduação em cinema. Lá me deparei com a rica cultura espiritual e de autoconhecimento que é a tradição indiana. Foi como cheguei ao yoga, que é uma das ferramentas dessa tradição. O yoga é um preparo, a gente usa o rata yoga, o yoga físico, para um preparo da mente, para você realmente adquirir o autoco-nhecimento. Depois, realizei várias mostras de cinema indiano no Brasil; conheço profundamente o cinema daquele país, e a yoga sempre me acompanhou. Mais tarde, fui morar na Índia por uma questão familiar, tenho dois filhos indianos brasileiros. E hoje o meu cinema, e o que eu gosto de assistir e criar, é um cinema que traz também, como pano de fundo, uma cultura, tanto a cultura ancestral brasileira, como culturas ancestrais e espirituais também de outros países.

Quais são as esferas mais imediatas para reflexões em torno de cinema e saúde mental?

O Festival Cinema e Transcendência cai muito como uma luva, porque revela o fato de um filme impactar o nosso universo interior, e há uma vastidão nele e o conhecimento disso é bem eficaz nas questões da própria saúde mental. Conhecer o funcionamento da sua mente é uma das coisas essenciais hoje para a gente ter uma saúde. O sistema capitalista nos exige uma aceleração. Hoje tudo é instantâneo, há enxurrada de comunicação. Então chega um momento em que a mente está tão estressada, adoecida! Como fazemos essa mente acalmar? O cinema contribui para que essa mente atinja um estado mais reflexivo, meditativo, contemplativo — tópicos em que há carências. Por aí, vejo o cinema como algo ligado à saúde mental.